



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA EDUCAÇÃO

Joseane Regina Evangelista de França
Orientador: Prof. Dr. Geder Parzianello

***MEDIA LITERACY* E AS COMPETÊNCIAS EXIGIDAS AOS**
PROFESSORES

São Borja, RS, 2023

JOSEANE REGINA EVANGELISTA DE FRANÇA

MEDIA LITERACY E AS COMPETÊNCIAS EXIGIDAS AOS PROFESSORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Pós-graduação lato sensu em Mídia Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Geder Parzianello

**São Borja
2023**

F814m França, Joseane Regina Evangelista de
Media literacy e as competências exigidas aos
professores / Joseane Regina Evangelista de França.
30 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)
– Universidade Federal do Pampa,
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E EDUCAÇÃO,
2023.

"Orientação: Geder Luis Parzianello".

1. Tecnologia. 2. Escola. 3. Desafio: Professor. 4.
Alfabetização Midiática. I. Título.

JOSEANE REGINA EVANGELISTA DE FRANÇA

MEDIA LITERACY E AS COMPETÊNCIAS EXIGIDAS AOS PROFESSORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Mídia e Educação da Universidade Federal do Pampa/UAB, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 13 de março de 2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Geder Luis Parzianello

Orientador
(Unipampa)

Prof.ª Ma. Sandra Barbosa Parzianello

(UAB/Unipampa)

Prof. Me. Marcelo Hipólito Proença

(UAB/Unipampa-IFSULDEMINAS)



Assinado eletronicamente por **GEDER LUIS PARZIANELLO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/03/2023, às 20:48, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Sandra Regina Barbosa Parzianello, Usuário Externo**, em 13/03/2023, às 21:04, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Marcelo Hipólito Proença, Usuário Externo**, em 13/03/2023, às 21:05, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1062410** e o código CRC **595E1E7D**.

Dedico a conclusão deste trabalho a minha mãe, Neuzalina Pinheiro Evangelista, minha maior incentivadora em buscar saberes que possam contribuir com a minha jornada de vida, e ao meu pai, Francisco Dias Evangelista (*in memoriam*) que sempre foi uma inspiração para que eu gostasse de ler.

Ao meu esposo, Samoel Alves de França, por compreender as horas que precisei para dedicar na elaboração deste artigo.

Aos meus filhos, Ian(9) e Zack(3), minha razão de viver.

Ao meu irmão, Josias Augusto Evangelista (*in memoriam*) cuja presença, dos seus 44 anos de existência, foi essencial em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Geder Parzianello, que foi generoso, dedicado (mesmo em férias), admirável em seu conhecimento, e gentil em suas orientações, dando ideias que fizeram deste trabalho uma experiência fascinante para mim;

À Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA que ofertou o curso à distância, e assim oportunizou conhecimento às pessoas de qualquer canto do Brasil, que como eu não haveria possibilidade alguma de participação na forma presencial;

A cada um dos professores deste curso, por quem tenho profundo respeito e admiração por terem proporcionado conhecer caminhos possíveis para o desenvolvimento do sujeito crítico e autônomo na prática escolar;

À admirável Moema Couto Silva Blatt, pela entrevista encantadora sobre sua trajetória de vida dedicada ao Sistema Único de Saúde (SUS);

Por último, não menos importante, gostaria de expressar a minha sincera gratidão ao meu amigo Weslen Santana Padilha que constitui uma inspiração para mim, e juntos termos buscado o edital deste curso.

MEDIA LITERACY E AS COMPETÊNCIAS EXIGIDAS AOS PROFESSORES

Joseane Regina Evangelista de França*

RESUMO

O presente artigo é uma proposta metodológica de revisão bibliográfica sobre como as práticas educomunicativas podem contribuir para o fazer pedagógico de modo inovador e atrativo nas escolas, diante do desafio contemporâneo do uso de novas mídias. Discute a possibilidade de construirmos caminhos para o desenvolvimento do sujeito crítico e autônomo no ambiente escolar, atravessado por novas tecnologias, associando teoria e prática na análise, pensando-se o processo de alfabetização mediática enquanto uma exigência na realidade atual. Trata-se de um trabalho reflexivo, mas sintético, sem pretensão de esgotar a questão, e que busca inferir acerca dos efeitos no clima de aprendizagem e do desempenho escolar com base em postulados dos estudos em mídia educação. Apresenta, a partir de um recorte de dez trabalhos, a perspectiva do desafio que se coloca ao professor.

Palavras-chave: Tecnologia; Escola; Desafio; Professor; Alfabetização Midiática.

* Graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Mato Grosso (2004), especialista em Metodologias Ativas e Educação Híbrida pelo Centro Universitário UniAmérica (2022) e pós-graduanda em Mídia e Educação pela Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA/Universidade Aberta do Brasil (UAB) (2021-2023). Atualmente, é professora de Língua Inglesa nas Escolas Municipais de Cuiabá/MT. E-mail: joseaneregina.franca@gmail.com

ABSTRACT

This article is a methodological proposal for a bibliographical review on how educommunicative practices can contribute to pedagogical activities in an innovative and attractive way in schools, given the contemporary challenge of using new media. It discusses the possibility of building paths for the development of the critical and autonomous subject in the school environment, crossed by new technologies, associating theory and practice in the analysis, considering the process of media literacy as a requirement in today's reality. It is a reflective but synthetic work, without intending to exhaust the issue, and which seeks to infer about the effects on the learning climate and school performance based on postulates of studies in media education. It presents, from a selection of ten papers, the perspective of the challenge facing the teacher.

Keywords: Technology; School; Challenge: Teacher; Media Literacy.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 – Um modo de diferenciar Educação para as mídias e a Mídia para a educação 25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
EDUCOMUNICAÇÃO: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL.....	15
O DESAFIO DO EDUCADOR PARA ALFABETIZAÇÃO MEDIÁTICA E TECNOLÓGICA	16
A ATUAÇÃO DO PROFESSOR NUMA ERA DAS MEDIAÇÕES.....	20
EDUCOMUNICAÇÃO: MODOS E POSSIBILIDADES	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

INTRODUÇÃO

Para fins desta pesquisa e considerada a realidade existente em comunidades escolares da nossa experiência, enquanto professora e pesquisadora, nos pomos a pensar a escola e a tecnologia no desafio do ensino-aprendizagem.

Tomamos um recorte de dez trabalhos sobre a produção já existente da realidade da tecnologia nas escolas. Formulamos, então, a pergunta de pesquisa, nos seguintes termos de um questionamento: Como a educomunicação pode contribuir, no âmbito escolar, com o desenvolvimento das práticas pedagógicas de modo inovador e atrativo?

Quer-se pensar, na associação entre teorias e práticas, as dimensões de efeito de novos usos de tecnologia nas escolas, pelo que se chama de *media literacy*, para que se possa inferir sobre seus efeitos no clima de aprendizagem e nos resultados do desempenho escolar.

Essa pergunta ecoou diante em todos os textos aos quais tivemos acesso, desde o início da nossa formação na pós-graduação em Mídia e Educação pela Universidade Federal do Pampa/Universidade Aberta do Brasil (UAB), entre os anos 2021 e 2023. Aos poucos, como deve ser sempre, o caminho da pesquisa foi clareando, até chegarmos a um entendimento de que poderíamos sanar as angústias do nosso fazer pedagógico enquanto professores, pela revisão de textos fundadores no campo da educomunicação no Brasil e que nisso se constituiria, propriamente, a nossa investigação.

Temos que a sociedade contemporânea é, por definição, uma sociedade de permanente mudança. De mudanças constantes e rápidas, à medida que as significações nos vão sendo dadas diante das múltiplas inquietações e confrontações que o educador/professor vivencia em sala de aula. Nosso intuito, portanto, foi mesmo o de contribuir para a reflexão acerca do desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e atrativas de aprendizagem, visando sempre mais e melhores resultados no desempenho escolar, nos valendo de processos comunicativos.

Tomamos a comunicação como construção de vínculos sociais, capazes de tornar ambientes de fato comunicativos pela abertura e respeito ao outro. E de contribuir para a reflexão das práticas comunicativas e educativas na alfabetização digital como estímulo para o protagonismo dos alunos no ambiente da escola pública, indicando possibilidades de práticas inovadoras baseadas em experiências e em produções intelectuais existentes. Ocorre que na escola tradicional não só este protagonismo é muitas vezes apagado como a

comunicação carece dessa abertura da qual se fala.

A educomunicação, enquanto um caminho para transformar a prática pedagógica escolar é uma proposta na direção do inovador e do atrativo. Com esse propósito, o presente artigo delimita-se pela proposta de realizar uma revisão bibliográfica sobre ensino escolar numa abordagem educ comunicativa, e busca propor ou sugerir, a partir dela, também novas concepções, novos modos e sentidos de ensino-aprendizagem no ambiente escolar para além do ambiente da tradição que ainda insiste em reproduzir modelos no processo escolar.

Busca-se, assim, revalorizar o protagonismo infanto-juvenil nas escolas públicas e potencializá-lo por meio do uso de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC's), apostando-se numa educomunicação viável tanto quanto possível. Tal proposta se vincula a uma aposta de que esse direcionamento possa ser uma maneira de formar sujeitos autônomos, conscientes de sua cidadania, e da mesma forma, dispostos a negociar sentidos ao fazer pedagógico, e ao aprender, comprometer-se, enquanto atores escolares, com o bem-estar de sujeitos a sua volta, pertencentes à sua comunidade.

Se vivemos em uma sociedade do conhecimento, se nosso tempo é reconhecido como era do conhecimento, a educação, assim como a ciência e a tecnologia, obrigatoriamente, é vista como a base que garante a cidadania e o avanço tecnológico e científico do mundo e das regiões. (TELES, 2021, p. 15)

Delimitou-se a revisão bibliográfica pela leitura de dez artigos publicados sob a temática da educomunicação, entre aqueles que foram disponibilizados pelos docentes do curso de pós-graduação Mídia e Educação ao longo do curso. Tivemos assim, um corpus cujo recorte é direcionado. Levou-se em consideração as palavras-chaves: “Educomunicação”, “formação de professores”, “alfabetização digital”, “alfabetização midiática” (*media literacy*) na definição da amostra. A escolha se deu depois de feita a leitura do título, do resumo e da conclusão dos textos indicados nos componentes curriculares de formação na pós-graduação, e da averiguação de compatibilidade ao assunto.

A restrição à leitura de dez artigos pode ter causado invisibilidade de outros trabalhos certamente existentes sobre Educomunicação, porém, não tivemos mesmo nenhuma pretensão de esgotar a amostra, nem de realizar um estado da arte no âmbito deste artigo, senão apenas direcionar de forma sistemática a nossa aprendizagem, voltando nossa reflexão ao contraponto de nossas vivências empíricas, em sala de aula.

Na etapa de leitura dos materiais, primeiramente, fizemos a leitura seguida de

anotações de pontos elencados como preponderantes, em seguida, revisamos os textos para escrevermos as possíveis proposições quanto à pergunta inicial, de maneira que estas possibilitassem a obtenção de uma compreensão sistemática e organizada sobre o cenário em torno do questionamento do problema de pesquisa.

Utilizamos a abordagem qualitativa de pesquisa, exercida essencialmente pela interpretação dos documentos a partir da leitura da literatura científica referenciada. Cada artigo foi identificado pelo título, ano, e seu (s) respectivo (s) autor (es), identificados como se segue: (1) **Vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação** (2014), de Ismar de Oliveira Soares; (2) **Formação tecnológica do professor em uma sociedade digital: desafios e perspectivas** (2009), de autoria de Cristina Lima Paniago Lopes; (3) **Contribuições da media literacy para a avaliação crítica de fontes de informação midiáticas** (2014), por Mariana Pícaro Cerigatto e Helen de Castro Silva Casarin; (4) **Do quadro negro às redes virtuais: o mal estar docente na era da cibercultura** (2014), escrito por Vanina Costa Dias, Marcelo Fonseca Gomes de Sousa e Viviane Marques Alvim Campi Barbosa; (5) **Educar para as mídias: o desafio continua em relação aos meios convencionais e não apenas frente a novas tecnologias** (2014), do professor Geder Luis Parzianello; (6) **A educomunicação possível: práticas e teorias da educomunicação, revisitadas por meio de sua *práxis*** (2017), de Claudemir Edson Viana; e o (7) **O desenvolvimento regional e a educação tecnológica a partir da temática da Educomunicação** (2021), por autoria da pesquisadora Ana Maria Teles; ainda, (8) **Experiências de educomunicação em oficinas para professores e estudantes de licenciatura** (2021), de Débora Gallas Steigleder e Claudia Regina da Silva; (9) **Educomunicação na prática: reflexões sobre a educação para as mídias nas escolas** (2021), de Antônio Nolberto de Oliveira Xavier e Edna Maile Viana Araújo; e (10) **Revoluções dos Suportes e da Leitura na Sociedade e na Escola: do Códice do Hipertexto** (2021), por Levi Henrique Merenciano, Carlos Henrique Sabino Caldas, Luiz Antonio Feliciano e Priscila Florentino de Melo Merenciano. No sentido da metodologia aqui aplicada, nosso produto final representa como que um inventário de nosso percurso de aprendizagem do tem em questão, pelo que nos parece poder indicar um caminho seguro, conceitual e compreensivo, também a outros professores que se iniciem no estudo de questões em mídia educação.

EDUCOMUNICAÇÃO: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL

Conforme SOARES (2014), a educação midiática na América Latina advém dos anos 60, a partir de projetos que se firmaram através, principalmente, do programa *Plan de Niños* (PLAN-DENI), de iniciativa do pedagogo Luis Campos Martínez, onde se faziam análises de produções de cinema. Ao final da década de 60, a OCIC (Organização Católica Internacional de Cinema) assumiu o PLAN-DENI e, por três décadas seguintes, o multiplicou em países como o Uruguai, o Brasil, o Paraguai, a República Dominicana, além do Equador. No Brasil, o programa denominou-se “Cineduc”, estabelecendo-se no Rio de Janeiro. (SOARES, 2014, p. 28,29)

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) surge com um papel de articulação de aproximação entre a comunicação e a educação já no final da década de 70, criando um plano comum, denominado “Projeto Principal de Educação na América Latina e Caribe”, importante para a ampliação do debate sobre um efetivo enfrentamento pela democratização das políticas de comunicação no continente. Neste caminho, surgiu no Brasil entre os anos de 1980 a 1990, o projeto “Leitura Crítica da Comunicação” (LCC), promovido pela União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC).

Em maio de 1998, autoridades em educação da América Latina tiveram a oportunidade de troca de experiências com “educadores para a mídia” (*media educators*) dos mais importantes países do mundo (Soares, 2014, p.31). Em São Paulo, realizou-se o I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação, convocado pelo NCE – Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, que fora coordenado por Ismar Soares, pesquisador precursor do campo da Educomunicação na América Latina e um dos fundadores do curso de Licenciatura em Educomunicação na Universidade de São Paulo (USP).

Soares (2014) foi o precursor da defesa de que *Media Education* pudesse se preocupar com o processo comunicativo, e não prioritariamente, na avaliação dos meios de informação por si só. Após o congresso, assume, então, que a Educação para mídia (*Media Education*) não era tão somente um assunto educacional, mas um problema cultural, trazendo com isso a público o conceito de Educomunicação.

Tratando de conceitos no campo da educomunicação, cabe ressaltar que há uma

diferença fundamental entre *educação para as mídias*, por meio da qual se pensa educar o consumo consciente da informação e do entretenimento oportunizado pelas mais diferentes formas de mídia; e *mídia para a educação*, um empenho pela atualização de recursos pedagógicos que se beneficie da tecnologia midiática que podemos usufruir.

Para se evitar a construção de um ensino tecnologizante, reducionista, excessivamente instrumental, é necessário compreender que as duas dimensões não andam sozinhas. Uma precisa da outra. Para que se tenha não só um ensino mais inovador, atual e dinâmico, mas também ainda cada vez mais humano, capaz de promover efetivamente o conhecimento e a emancipação do sujeito. Objetivo maior de todo fazer pedagógico. (PARZIANELLO, 2021)

No Brasil, de algum modo, têm sido relatadas práticas midio-educativas nas escolas. Análise de filmes, vídeos, fotografias, imagens fixas e até mesmo de matérias jornalísticas. Informações da vida cotidiana dos artistas preferidos, da política, etc., veiculadas na internet e que causaram comentários nas redes sociais, também são, frequentemente, abordadas nas salas de aula. As mídias sociais trazem o debate sobre eles, seja através de *memes*, vídeos curtos, tipo *TikTok*. Porém, as escolas públicas brasileiras ainda não incorporaram as práticas de uso da rede de computadores integralmente, seja por falta de investimento estrutural, ou ainda pela falta de formação dos professores para atuação no fazer pedagógico com essas ferramentas e novos modos de aprender.

O DESAFIO DO EDUCADOR PARA ALFABETIZAÇÃO MEDIÁTICA E TECNOLÓGICA

O conceito abrangente de educomunicação, onde a comunicação e a educação se inter-relacionam e colaboram ao preparar o cidadão para novas realidades e configurações de mundo (SOARES, 2014), contribui para entender que ações convergentes entre educação e mídia (comunicação) através de novas tecnologias, numa perspectiva de empoderamento para as transformações humanas no uso das linguagens (audiovisuais, digitais e impressas), pode ser um caminho que venha a facilitar o desenvolvimento da aprendizagem, conseqüentemente, da relação entre pessoas, e do ser humano com o mundo, possibilitando o entendimento do universo ao redor, ainda que este se apresente complexo.

Os meios de comunicação e os conteúdos disseminados nas mais diversas tecnologias têm agendado o debate público e interferido no cotidiano e na tomada de decisões em termos

de trabalho, participação política, educação e entretenimento (CERIGATTO e CASARIN, 2017), o que torna um desafio o desenvolvimento de alunos autônomos para fazer escolhas no percurso da construção do seu saber. As dúvidas perpassam a necessária tomada de decisão do professor na prática pedagógica: Por onde começar? Quais textos escolher? Qual metodologia abraçar? Diante de tamanha complexidade, como é possível, num mundo de tanta diversidade tecnológica e diante de tantos efeitos que a comunicação de massa provoca nos sujeitos, estabelecer conectividade professor-aluno? Um tema contemporâneo e transversal que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta na educação para o consumo.

De acordo com Thompson (1998), a revolução comunicativa provocada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação modificou profundamente a comunicação humana nas sociedades contemporâneas e reestruturou, de maneira radical, as relações entre as pessoas (apud CORAZZA, 2016, p.13).

McLuhan (1964), explica que, a partir da capacidade de manipular informação, os seres humanos passaram a dominar o uso de instrumentos juntamente com o desenvolvimento das mãos e do cérebro. Lidar com essa excessiva abundância de informação – boa ou má – dificulta a tomada de decisões, o que constitui o desafio do docente deste tempo, que deve estar preparado para lidar com as novas tecnologias da leitura (linear ou não linear) e saber interpretá-las mediante aos novos materiais de ensino e aos novos suportes, tornando esses suportes mediadores de aprendizagem. (McLUHAN apud MERENCIANO et al, 2021, p.37).

A questão é que não estamos, como docentes, preparados. E que esta preparação não é simplesmente dada por um imperativo categórico de momento, como vimos acontecer na pandemia da COVID-19. É preciso, sobretudo, uma política pública de formação continuada.

Segundo Steigleder e Silva (2021, p. 580), a formação de professores, para incorporar práticas educacionais, ainda é bastante limitada, seja nas diversas formas de graduação ou mesmo nas ações de capacitação de professores que atuam nas diversas redes de ensino. Para tanto, faz-se útil e imprescindível ter uma postura de problematizador dos conteúdos nos espaços educativos, bem como, o domínio de metodologias de análise de comunicação e de produção midiática. É importante, também, saber fazer a leitura crítica dos produtos da mídia, e, ainda, selecionar o que há de relevante para se comunicar, garantindo, assim, o seu valor de uso no contexto escolar.

Notadamente, atuar como professor nas escolas públicas brasileiras de ensino básico pode estar sendo o desafio da década, e com a pandemia, e conseqüentemente, a necessidade

de aulas remotas, isso se tornou mais premente, uma vez que as tecnologias da informação alcançaram o ambiente educacional de maneira abrupta e não somente o aluno-leitor teve de aprender e saber conectar-se sem se intoxicar, como também o professor de fazer uso das mídias e entender a importância delas, para facilitar e magnificar a prática pedagógica, sem contudo, desviar-se do foco da aprendizagem.

Nesse processo, as dificuldades se apresentam ao professor desta era da Inteligência Artificial (I.A), com o codinome de professor 4.0, onde é preciso ter a percepção e a flexibilidade para estar em diferentes papéis: de aprendiz, mediador, orientador e pesquisador na busca de novas práticas. É preciso saber que no caminho, podemos encontrar saberes que nos nortearão como a proposta da educomunicação e que amenizam as nossas ansiedades.

Tais como nos oferece MORIN (2011):

Não temos nenhuma certeza, nenhuma prova irrefutável de que haverá progresso, não temos nenhuma promessa, mas temos, apesar de tudo, finalidades e valores. Nós podemos apostar neles. E nutrir uma esperança[...] Uma esperança do improvável. [...] Esperar o improvável, apostar e trabalhar na direção de nossas finalidades e de nossos valores é mais reconfortante do que se curvar diante do fato consumado ou apenas “sobreviver”. (MORIN apud SARMENTO, 2021, p. 37)

O educador é desafiado nesse contexto para a educomunicação não é tão somente, de modo prático, pela falta de um ambiente escolar pensado para a alfabetização midiática, como também, a composição de um coletivo de desiguais, dentre eles, o acesso à internet, dado como indicador de pobreza, notadamente, entre os alunos das escolas públicas de ensino fundamental e médio no Brasil. Uma parcela considerável de brasileiros infanto-juvenis, estudantes de escolas públicas, em grandes centros e mesmo fora deles ficam à margem de possibilidades educacionais. E essa experiência vivenciada pelos alunos, tanto individualmente quanto em coletividade, no ambiente escolar, tem revelado que atividades que se mostram desafiadoras e prazerosas para o processo de aprendizagem, onde as emoções se desenvolvem e se manifestam como formas de expressão, resultam em aprendizado e conseqüentemente em autonomia crítica. Daí a importância da escola não se tornar um espaço de incomunicação.

Barbero (apud PARZIANELLO, 2014) “aponta para a convicção quanto ao modelo escolar estar ultrapassado pelas demandas da sociedade em rede e denuncia que apesar de todas as reformas, o sistema educacional continua igual em grande medida, com a escola consagrando uma linguagem retórica e distante da vida”. Urge, portanto, repensarmos a

escola “à medida que traz para o cotidiano da escola e da família a alternativa de educar para a realidade com a capacidade de alterá-la e não apenas estando o sujeito fadado a sucumbir à força dos imperativos culturais deterministas e aos empenhos da indústria do consumo.” (PARZIANELLO, 2014, p.75).

Importante destacar que a alfabetização midiática desenvolve a capacidade de avaliar conteúdos, objetivos, e postular uma cidadania ativa na sociedade da informação, tornando-se fundamental, primeiramente, que educador e aluno estejam sintonizados e conectados nesse espaço chamado escola, e também para além dela, com a habilidade de perceber, observar e interpretar a influência pela qual estamos sujeitos (professores e alunos), como criadores ou como consumidores de conteúdos midiáticos, e com isso, desenvolvendo autonomia crítica.

Felizmente, cresce, hoje, no Brasil, a disposição para uma colaboração mais sólida entre os agentes que trabalham com Educação Midiática, independentemente da designação das correntes teórico programáticas a que se filiam. O importante – entendem seus promotores – é unir forças para ampliar os espaços de negociação, especialmente com as políticas públicas, ainda resistentes em entender a importância de se tomar a mídia e a comunicação objetos de consideração no trabalho educativo. (SOARES, 2014, p. 35)

Parece desafiador e imperioso para o educador deste tempo, e que não ocupa mais a centralidade do saber, tornar-se dinâmico, sintonizado, depreendido e híbrido, com a finalidade de alcançar crianças, jovens e adultos que estão extremamente conectados com diversas fontes de informação, e, ainda, observar a maneira de interação deles, a qual não se configura do mesmo modo, e não perder o vislumbre de que desempenha um papel importante na mediação em minerar um determinado conjunto de dados, como também em organizar e orientar na construção do percurso de saberes que o aluno poderá trilhar. Para que assim, como estabelecido nas competências gerais da educação básica pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, p. 9, 2018), possa ser visto que dentro das escolas, alunos saibam:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.” (BNCC, 2018, p. 9)

A complexidade que envolve a realidade de sala de aula nesse mundo tecnológico das informações, de dados acessíveis, das ideias diversas, é improtelável repensar o trabalho do professor, como também da escola. Desenvolver uma educação com princípios no diálogo, na

reflexão, na pesquisa, objetivando educar para um tempo que exige cada vez mais autonomia e criticidade desde a mais tenra idade, as aulas precisam estimular nos alunos o desejo pela busca do conhecimento científico, pela leitura, aguçando a curiosidade pelos diversos saberes, e procurando desafiá-los a compreender o mundo ao seu redor, e assim favorecer o percurso da construção de alguma independência e de pensamento crítico.

Uma das possíveis trilhas de aprendizagem escolhida pelo professor numa perspectiva emancipadora pode ser a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), que de modo geral, parte do levantamento de uma **pergunta-chave** a que os alunos desejam responder. Nesse caso, os alunos decidem os encaminhamentos do projeto cabendo ao professor o papel de mediador e coordenador das atividades.

A metodologia de aprendizagem baseada em projetos tem como objetivo transformar a representação de mundo que os alunos têm, somando-se ao processo de investigação e criação que eles irão adquirir durante a atividade. O processo de ensino-aprendizagem torna-se muito mais significativo, pois passa a fazer sentido para os alunos. (CASTELLAR, 2016, p. 19)

Desse modo, impelir os alunos nas tomadas de decisões, na comunicação eficaz, assumindo responsabilidades pelas escolhas feitas, e buscar soluções para problemas observados e/ou vivenciados, bem como, deixá-los passar por suas próprias experiências, com erros e acertos, explorando as suas consequências, através de uma educação baseada no respeito, vínculo e afetividade.

Nesse sentido, o ambiente escolar propício para o aprendizado passa pela troca de experiências entre os docentes, para que impressões e sugestões vivenciadas sejam compartilhadas, como também estudantes participativos, dedicados e engajados coadunem-se para o fortalecimento do clima de aprendizagem e conseqüentemente o desempenho escolar ao qual estão intrinsecamente conectados. A formação dos professores quanto a como lidar com alunos indisciplinados, a redução de número de alunos por turma, mas, sobretudo, investimentos significativos em materiais pedagógicos, incluindo a incorporação de novas tecnologias em sala de aula, novas estratégias metodológicas, possibilidade de experimentos em laboratório, é o mínimo que se espera de uma escola rumo a uma educação emancipadora.

ATUAÇÃO DO PROFESSOR NUMA ERA DAS MEDIAÇÕES²

² Teoria/era das mediações: abordagem a partir do Sujeito em seu cotidiano, de sua efetiva relação com o contexto, à medida que entende que é desta relação e nesta particularidade que os sentidos são construídos e negociados. (Martín-Barbero apud PARZIANELLO, 2021)

Frente à constante desvalorização do profissional do magistério, e às condições precárias de atuação dos educadores na maioria das instituições educativas, e também das deficiências na formação do educador para atuar nesta perspectiva emancipatória que traz o paradigma da educomunicação (VIANA, 2017), é necessário, não somente, que a sociedade brasileira, bem como o governo compreendam a importância da escola na transformação de uma nação, assim também como a própria escola oportunize diálogos, numa conectividade contínua, com a família, o discente, o docente, a comunidade que a frequenta, e seus gestores para redescobrirem o caminho da educação consistente, para o desenvolvimento efetivo dos sujeitos que constroem seus sentidos nas mediações. (VIANA, 2017, p. 927, 928). “Num tempo em que o velho já se foi, mas o novo não tem forma ainda” segundo Bauman (apud VIANA, 2017, p.934), o ambiente que todos os atores escolares frequentam precisa ser favorável e possível para que *práxis* educacionais sejam vivenciadas, transformando essa “lacuna” ou “brecha” – teoria do caos - em possibilidades de renovação e ação, principalmente, nesta época em que lidar com o imprevisível, em sala de aula, tornou-se corriqueiro.

Assumi um concurso público na rede municipal de educação em Cuiabá/Mato Grosso em 2020, e nessa minha vivência empírica, entre os anos 2020 a 2022 em sala de aula, primeiramente no ensino remoto (2020 e 2021), e com o retorno da aula presencial a partir do último bimestre de 2021, atuando em oito turmas/ano com uma média de 30 alunos em cada turma, todas dos anos iniciais do ensino fundamental (4º, 5º e 6º anos), pude sentir os desafios do ensino. No período de aulas remotas, os estudantes tiveram dificuldade de acompanhar as aulas pela ausência de recursos tecnológicos, e sem nenhuma aula síncrona, tendo somente acesso às atividades pelo aplicativo *WhatsApp*® ou impressas e entregues aos alunos para aqueles que não tinham acesso a um *smartphone*. Portanto, sem nenhuma mediação ou interação por parte do educador/aluno/colegas. É irrefutável a desigualdade de acesso aos meios tecnológicos, quando comparada às escolas particulares, onde mesmo de maneira remota, os alunos tiveram aulas síncronas.

Com o retorno da aula presencial, a rede municipal de ensino fez um diagnóstico da defasagem pedagógica-educacional, procurando identificar as pendências que precisavam ser suplantadas e promover o desenvolvimento cognitivo-emocional. Como observadora, percebi uma exaustão crescente pelo professor regente (pedagogo), responsável pela turma, quando o foco fora principalmente o ensino de português e da matemática nas turmas que lecionei, bem

como a alfabetização em alguns casos, pois havia alunos que não sabiam ler no 4º ano.

Ainda em 2021, com o objetivo de proporcionar aulas mais dinâmicas e interativas, e assim contar com a participação e interesse dos estudantes, como professora de área, atuando no ensino de Língua Inglesa, procurei conhecer metodologias que pudessem basear os meus planejamentos das aulas, assumindo uma postura crítico-reflexiva em como adotar uma estratégia que colaborasse para o ensino-aprendizagem da língua franca. No entanto, deparei-me com algumas intempéries, como por exemplo: a desvalorização do trabalho principalmente por não haver nenhum material didático para auxílio, nem mesmo dicionários, para realizar o trabalho educativo escolar; ou ainda, quais métodos usar para identificar se o aluno estava de fato assimilando o conteúdo ensinado, em turmas numerosas e aulas semanais de apenas duas horas.

Em 2022, tive que assumir uma atribuição em quatro escolas para completar a carga horária de 20h/semanais que deveria cumprir. O que foi extremamente exaustivo: ter de trabalhar cada dia da semana em uma escola. Com tudo, já cursando a pós-graduação em Mídia Educação, foi possível utilizar saberes aprendidos na atuação em sala de aula de modo refletido. Dentre as turmas que lecionei, em uma delas (6º ano) eram alunos bastante engajados durante as atividades propostas, e isso foi muito significativo para mim, uma vez que o objetivo era que eles participassem de forma ativa durante as aulas. Estimular o protagonismo infanto-juvenil dentro das escolas públicas brasileiras, numa educomunicação possível, é uma maneira de formar sujeitos autônomos, conscientes de sua cidadania, e dispostos a negociar sentidos comprometendo-se com o bem-estar daqueles que estão a sua volta e na sua comunidade.

Neste contexto, entendo que o educador, na sala de aula, é um mediador, quando qualificado, para ampliar o debate com seus estudantes e ajudá-los em sua formação. Porém, toda a comunidade escolar precisa encontrar essa sintonia para que o desenvolvimento desse projeto não venha a ser identificado como de um professor que apenas e simplesmente resolveu implementar algo novo na escola, mas que todos estejam engajados e envolvidos com o seu desenvolvimento. Isso perpassa pela discussão do Projeto Político Pedagógico da escola, documento que na maioria das escolas existe apenas para o cumprimento das exigências documentais, e que fica engavetado por todo o ano.

Com engajamentos de todos, a escola poderá desenvolver projetos com os alunos e apoiar processos de construção do conhecimento, utilizando tecnologias, beneficiando a

aprendizagem. Convém salientar, conforme Rocha e Xavier (2021), as limitações quanto ao acesso dos professores para a proposta de mediação tecnológica na educação para estimular os processos educacionais inclusivos de letramento digital/visual, que esbarra em alguns aspectos, dentre eles: o acesso dos professores aos equipamentos, a falta de espaços próprios para a utilização da mídia nas aulas, a dificuldade de interlocução sobre a temática com os gestores, a falta de capacitação para a criação de projetos para o uso social dos dispositivos e de uso adequado para o manejo de aparelhos tecnológicos, e ainda, a debilidade de investimentos na educação pública pelo Estado, com equipamentos entulhados à espera de conserto, e o desafio quanto à mudança do contexto inseguro que as instituições demonstram com relação ao uso das mídias nas aulas.

LOPES (2009) contribui:

Essa mudança do como escrever ou ler nesse novo ambiente digital requer negociação, discussão dos prós e contras, das facilidades e dificuldades que tal atitude pode gerar e, principalmente, de opção pelo momento de usar, ou não, uma tecnologia específica, um recurso tecnológico adequado. Todo esse processo pode ser chamado de uma nova alfabetização, ou melhor, de uma nova forma de letramento, uma formação tecnológica. (LOPES, 2009, pág. 167)

São diversos os pontos a serem discutidos e o papel deste artigo não é esgotar o assunto, mas, instigar o debate nos âmbitos acadêmico e das escolas para que reflitam, e assim conectem-se de novos modos/meios e oportunidades para um modo de ensinar na era digital. Essa abordagem da educomunicação dentro das escolas é ainda nova no Brasil, mas pelas leituras feitas, conclui-se que já se somam dezenas de experiências bem-sucedidas, como possibilidades de se fortalecer nos próximos anos. A exemplo delas, é possível citar a experiência exitosa da criação, ainda em 2001, da Educom.radio pela Secretaria de Educação do Município de São Paulo: um projeto voltado a combater a violência nas escolas:

Em 2001, a Prefeitura de São Paulo convidou o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (USP) a levar a prática educacional a 455 de suas escolas de ensino fundamental. Inicialmente, o Educom.rádio foi considerado como uma ação alternativa de assistência social, destinada a reduzir a violência nos estabelecimentos de ensino mas, no final do programa de formação, em 2004, com a promulgação de uma Lei Municipal especialmente voltada à prática do conceito (Lei 13.941, de 12/2004), a Educomunicação foi integrada ao âmbito do currículo. (SOARES, 2014, pág. 33)

E, ainda, a adoção da prática educacional por parte do Ministério do Meio Ambiente, com o objetivo de promover a educação midiática de gestores encarregados das áreas de preservação socioambiental. (SOARES, 2014). Essa prática permitiu a autonomia

crítica de jovens para o uso da palavra e dos meios de comunicação na defesa dos “direitos da terra” na preservação da vida no planeta. Há muitos relatos disponíveis de propostas pedagógicas na literatura da área. Nosso intuito não é buscar receituários didático-pedagógicos, mas descrever os desafios que se colocam diante do professor que se dispõem a trabalhar com alfabetização midiática.

Para isso, é preciso que o professor se coloque na condição de sujeito, qual seja, a de assumir que, embora não sendo absolutamente a única fonte do saber, e nem o único envolvido, tem uma responsabilidade diante dele, e tente construir um ambiente saudável, propício para os estudos, sem ignorar as potencialidades de mídia e em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola onde atua. Observa-se, a importância de professores alfabetizados em mídia e informação e com habilidades pedagógicas necessárias para ensinar a alfabetização midiática, desempenhando um papel relevante e peculiar para o momento atual da educação no Brasil, com o retorno das aulas presenciais, após período pandêmico da COVID-19, onde os desafios se mostraram hercúleos.

EDUCOMUNICAÇÃO: MODOS E POSSIBILIDADES

As mudanças profundas e rápidas através das tecnologias na sociedade têm reverberado nas escolas públicas brasileiras, constituindo-se, com isso, num novo modo de ensinar e construir saberes. Usar as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC, com a pandemia da Sars-cov-2 (COVID-19) no mundo, tornou-se uma necessidade no âmbito da educação e provocou um aceleração, pois, anteriormente à pandemia mundial, pesquisas já mostravam essa importância no “chão da escola”. Não cabe mais o tipo de ensino onde o professor é o centro do saber e que o aluno é apenas o receptor. Nesta nova era, professor e aluno aprendem juntos e ensinam também. O conhecimento é construído para além das quatro paredes da sala de aula. É interessante pensar que as fronteiras, enquanto espaço e tempo, superam o ambiente escolar. Com o uso das TDIC’s, os espaços das práticas escolares se reconfiguram para um lugar onde o indivíduo se move, se comunica e se constitui, para além dos muros das escolas.

Esta deve ser incorporada no seu fazer cotidiano, mas não substituindo a sua função docente, e sim, dando a ele diversas possibilidades e ferramentas que podem ser incorporadas às aulas, tornando-as mais atrativas aos alunos.[...] As novas tecnologias precisam ser contempladas na prática pedagógica do professor, de modo a incrementar sua ação e interação no mundo contemporâneo, com critério, ética e uma visão transformadora da escola. (DIAS, et al, 2014, p. 561, 562)

Enquanto educadores, precisamos estar conscientes que os alunos, que cresceram na era digital, não são os mesmos das gerações anteriores, portanto, o modo de processar e de construir conhecimentos se difere diametralmente. Mais do que as escritas, as imagens, as mídias, os dados estão presentes recorrentemente neste novo modo de aprender, e que é possível ter êxito na aprendizagem através delas. Essa nova forma de se fazer o ensino faz parte da evolução do ofício do professor. E as TDIC's proporcionam a releitura de situações de aprendizagem mais ricas, complexas e diversificadas, onde o aluno pode se sentir competente, autônomo e motivado.

Nesse sentido, a pesquisa feita pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) realizada anualmente, desde 2010, e que trata de uma investigação dos usos e apropriações das tecnologias, tendo como foco o uso da internet nas escolas, destaca a importância do uso de tecnologias em sala de aula. Nas escolas públicas onde atuo, esse processo se constitui, por algum tempo, distante e demorado, uma vez que os alunos são proibidos de acessar a rede, e o professor não consegue conectar-se pela indisponibilidade de alcance do *wi-fi* em todas as salas de aula. É preciso transformar essa realidade o quanto antes, para que o processo pedagógico, os saberes, tanto quanto a importância do acesso dos estudantes no uso das TDIC's sejam realidade.

É inevitável também refletir, que para além do desafio do uso de tecnologias no âmbito escolar, diante das dificuldades diversas que o educador possa enfrentar, como a necessidade de formação (UNESCO, 2013), o uso de diferentes mídias, a produção de conteúdos digitais, e ainda o uso crescente de redes sociais, temos crianças e adolescentes mais presentes nesses espaços cibernéticos, onde o modo de comunicar tem mais a ver com algoritmos do que com sensações, e sentimentos, diante desse novo modo de aprender. É preciso reelaborar o processo de ensino-aprendizagem, para alunos tão heterogêneos e conectados, num mundo digital. Nesse contexto, o saber do indivíduo, bem como seu jeito de aprender são componentes importantes e relevantes para a construção desse novo caminho.

É necessário partir da compreensão que os desafios ainda são enormes, tanto atuais quanto futuros, porém, não há espaço para retrocessos, ainda que o ambiente e as condições não sejam ideais. Implementar práticas educacionais no ambiente escolar, passando pelo caminho da articulação, do planejamento, da gestão escolar, do modo de avaliar,

juntamente com os atores sociais desse ambiente físico e virtual chamado escola, constitui-se urgente. Para isso, é preciso integrar os saberes das tecnologias de informação e comunicação através da educação para as mídias; isso será um passo significativo para as transformações profundas que se deseja ver numa aprendizagem integradora, ativa e significativa.

Segundo Soares (2014), a ideia que se pressupõe de que há um modelo único para se promover a educação midiática é vazia, pois, historicamente, os programas filiam-se a outros protocolos que garantem a identidade das ações, sua coerência e aceitação pública: o moral, o cultural e o mediático (ou educ comunicativo), (SOARES, 2014, p. 25). Este último com a preocupação e objeto de análise toda forma de comunicação, onde se busca por práticas democráticas operando por projetos, valorando todas as formas de se expressar, com foco na ampliação da comunicabilidade dentro a comunidade escolar. Nesse campo é salutar ressaltar que todos os participantes do ambiente escolar são aprendizes e conjuntamente educ comunicadores. Conforme Soares (2014):

De 1998 até este início de segunda década do século XXI (2014), a observação de Davados segundo a qual o tema da relação Comunicação/Educação, na perspectiva educ comunicativa, havia ultrapassado a questão da mídia para adentrar a área da cultura. Não apenas se confirmou, como abriu portas nas políticas públicas, facilitando o ingresso da Educação Midiática onde até há poucos anos o sistema educativo resistia em discutir o assunto. (SOARES, 2014, p. 33)

Considerando que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trata das competências socioemocionais, como aspectos que devem ser abordados com intencionalidade nas escolas, uma vez que se essas habilidades podem ser aprendidas e aperfeiçoadas todos os dias, concretizar isso passa por estar disposto e interessado por novas experiências no fazer pedagógico, e construir esse ambiente de abertura e respeito, onde toda a comunidade (professor, aluno, família, etc.) possa ser capaz de atuar em grupo de forma cooperativa e colaborativa. A Educação para as mídias e a Mídia para a educação, conforme imagem 1, trazem essa proposta, onde dois modos do fazer pedagógico se encontram: a promoção do conhecimento e a emancipação do sujeito.

Figura 1 – Um modo de diferenciar Educação para as mídias e a Mídia para a educação. (BELLONI, 2009).



Fonte: Elaboração da autora

É possível afirmar que elas não andam sozinhas, uma depende da outra. Caso não seja assim, a construção de um ensino será tecnologizante, reducionista e excessivamente instrumental. A compreensão da interdependência proporcionará um ensino inovador, atual, dinâmico, humano, necessário para a promoção do conhecimento e emancipação do sujeito, que é o objetivo do fazer pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise feita através dos artigos fornece ponderações relevantes para o momento crítico que vive o ambiente escolar brasileiro. Foi possível deferir a relevância, enquanto educadores, da necessidade de se buscar novos modos de se estar em sala de aula, conscientes que os alunos da era digital não apresentam os mesmos comportamentos das gerações anteriores, e que, portanto, o modo de processar e de construir conhecimentos difere diametralmente, exigindo mudanças do professor. Nenhuma delas, no entanto, alterou o fato da necessidade da presença do mediador na construção do saber, pelo contrário, só a confirmou cada vez mais.

Construir esse caminho para o desenvolvimento do sujeito crítico e autônomo, através da alfabetização midiática é um dos possíveis modos com que educadores, alunos, gestores, enfim, toda a comunidade escolar, pode desenvolver conjuntamente um espaço favorável e possível para que a *práxis* educacional seja vivenciada. A revisão bibliográfica sobre

como as práticas educacionais e os artigos escolhidos para análise, nos permitiram pensar a contribuição que nos cabe no fazer pedagógico que seja de fato modo inovador e atrativo nas escolas, dado o desafio contemporâneo com as novas tecnologias. Os caminhos possíveis para o desenvolvimento do sujeito crítico e autônomo no ambiente escolar se dão hoje, necessariamente, por novas tecnologias, pelo que precisam alunos e professores uma nova alfabetização quanto ao uso e os potenciais das mídias na educação. O clima de aprendizagem e o desempenho escolar que se deseja implicam a compreensão da educação. Há um desafio que se coloca ao professor, mas, também, uma sobrecarga de responsabilidade por vezes demasiado centrada sobre os ombros dele. É preciso que o desafio seja encampado por todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Págs. 1-30. 3ª Ed. Coleções polêmicas do nosso tempo. São Paulo: Editora ABDR., 2009.

CASTELLAR, Sonia M.Vanzella. **Metodologias Ativas: projetos interdisciplinares**. 1º ed. São Paulo: FTD, 2016.

CERIGATTO, Mariana Pícaro; e CASARIN, Helen de Castro Silva. Contribuições da media literacy para a avaliação crítica de fontes de informação midiáticas. In: **Educação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. Organizado por SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; e XAVIER, Jurema Brasil. São Paulo: ABPEcom, p. 225-231, 2017. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/view/1/1/189-1>. Acessado em: 02 jul. 2022

CORAZZA, Helena. **Linguagens nos modos de narrar: possibilidades e desafios para a Educação**. Questões teóricas e formação profissional em Comunicação e Educação, Vol. 1, p. 129-142. Eliana Nagamini (orgs), 1º EDITUS: Editora da UESC, 2016.

DIAS, Vanina Costa; SOUSA, Marcelo Fonseca Gomes; e BARBOSA, Viviane Marques Alvim Campi. Do quadro negro às redes virtuais: o mal estar docente na era da cibercultura. In: **Educação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. Organizado por SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; e XAVIER, Jurema Brasil. São Paulo: ABPEcom, p. 556-562, 2017. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/view/1/1/189-1>. Acessado em: 20 nov. 2021

LOPES, Cristina Lima Paniago. **Formação tecnológica do professor em uma sociedade digital: desafios e perspectivas**. Polifonia, p.165-174. Cuiabá: EDUFMT, 2009.

MERENCIANO, Levi Henrique; CALDAS, Carlos Henrique Sabino; FELICIANO, Luiz Antonio; e MERENCIANO, Priscila Florentino de Melo. Revoluções dos Suportes e da Leitura na Sociedade e na Escola: do Códice do Hipertexto. In: **Comunicação, Tecnologia & sociabilidade**. SOUZA, Marcela F. P.; PORTARI, Rodrigo D. L.; e FERREIRA, Dôuglas A. (orgs), ed. 1º, Catu: Editora Bordô Grena, 2021.

MORIN, Edgar. **Edgar Morin: ética, cultura e educação**. PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA Cleide R. S.; e PETRAGLIA, Izabel. (orgs.). 4º ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum – BNCC**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acessado em: 10 set. 2022

PARZIANELLO, Geder Luiz. **Educar para as mídias: o desafio continua em relação aos meios convencionais e não apenas frente a novas tecnologias**. Educação para mídia. Vol. 5. Págs. 70-82. 1ºEd. , Brasília: Editora MJ, 2014.

_____. **Instrumental Didático**. UNIPAMPA. Pós-graduação em Mídia Educação, 2021. Disponível em <https://moodle-ead.unipampa.edu.br/>

ROCHA, Edna Maíle Viana Araújo; e XAVIER, Antônio Nolberto de Oliveira Xavier. Educomunicação na prática: reflexões sobre a educação para as mídias nas escolas. In: **Trajetórias da educomunicação nas políticas públicas e a formação de seus profissionais**. SOARES, Ismar de Oliveira; e VIANA, Claudemir Edson. (orgs), ed. 1º, São Paulo: ABPEcom; Instituto Palavra Aberta. p. 177-191, 2021. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/view/30/22/941-1>.

Acesso em: 04 out. 2022

SOARES, Ismar de Oliveira. **Vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação**. Vol. 5. Págs. 23-35. 1ºEd. Brasília: Editora MJ, 2014.

STEIGLEDER, Débora Gallas; e SILVA, Claudia Regina da Silva. Experiências de educomunicação em oficinas para professores e estudantes de licenciatura. In: **Trajetórias da educomunicação nas políticas públicas e a formação de profissionais**. Organizado por SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; São Paulo: ABPEcom; Instituto Palavra Aberta. p. 580-594, 2021. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/view/30/22/975-1>.

Acesso em: 29 set. 2022

TELES, Ana Maria. O desenvolvimento regional e a educação tecnológica a partir da temática da educomunicação. In: **Comunicação, tecnologia e sociabilidades**. SOUZA, Marcela F. P.; PORTARI, Rodrigo D. L.; e FERREIRA, Dôuglas A. (orgs), ed. 1º, Catu: Editora Bordô-Grena, p. 13-32, 2021.

VIANA, Claudemir Edson. *A educomunicação possível: práticas e teorias da educomunicação, revisitadas por meio de sua práxis*. In: **Educomunicação e suas áreas de**

intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural. Org: SOARES, I. O. VIANA, C. E. , XAVIER J. B. São Paulo: Editora ABPEducom, p. 925-942, 2017.

UNESCO. **Media and information literacy: curriculum for teachers.** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, Setor de Comunicação e Informação, 2011. Acessado em: 07 out. 2021.

_____. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores.** Carolyn Wilson, Alton Grizzle, Ramon Tuazon, Kwame Akyempong e Chi-Kim Cheung. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418>.

Acesso em: 07 out. 2021